

ESTUDO DE OCORRÊNCIAS DE FENÔMENOS LINGUÍSTICOS NO FALAR MANAUARA

INVESTIGATING LINGUISTIC PHENOMENA IN MANAUS SPEECH: A STUDY OF OCCURRENCES AND PATTERNS

Socorro Viana de Almeida^{*}

Romário Neves Coelho^{**}

Alécio Vaneli Gaigher Marely^{***}

RESUMO: Neste estudo apresentamos ocorrências de variações linguísticas na fala Manauara, em nível fonético-fonológico. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo e bibliográfica apoiada nas contribuições de autores como Bechara (2009), Bagno (1999; 2007; 2008), Calvet (2002), Labov (2000), Mollica (2003), entre outros. Como técnica de coleta de dados, aplicamos um questionário fonético-fonológico - QSL de acordo com (ALIB, 2001) a doze (12) informantes da cidade de Manaus/AM, sendo seis (06) do gênero masculino e seis (06) do gênero feminino, dividido em grupos com faixa etária entre 18 a 30 e de 45 a 80 anos. Quanto ao nível de escolaridade temos seis (06) alfabetizados até o 9º ano e seis (06) não alfabetizados. Os dados foram analisados e interpretados sob à luz da Sociolinguística Variacionista. Os resultados apontam para ocorrências de fenômenos linguísticos, isto é, um fonema em lugar de outro, troca da posição do fonema, eliminação de fonema e fonema a mais; assimilação; rotacismo; redução das vogais e, o, átonas pretônicas dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Português Brasileiro. Variação. Fonético-fonológico. Fala Manauara.

^{*} Doutora em Estudos Clássicos, Poética e Hermenêutica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC, 2019). Mestra em Letras na área de Linguística do Discurso pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM, 1998). Graduada em Letras (UFAM, 1995). Professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: salmeida@uea.edu.br.

^{**} Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM, 2024). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas FAPEAM. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP, 2019). Graduado em Letras-Português e respectivas Literaturas (UNINORTE, 2013). Professor celetista da Secretaria Estadual de Educação do Amazonas (SEDUC-AM). E-mail: romarioneves16@hotmail.com.

^{***} Doutorando em Inglês- Estudos Linguísticos e Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2024). Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Vale do Cricaré (FVC, 2016). Graduado em Letras - Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2015) e Letras-Português pela ETEP/IBRA (2023). Professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação do Amazonas (SEDUC-AM). E-mail: gaigher.alecio@gmail.com.

ABSTRACT: In this study we report on occurrences of linguistic variations in Manauara speech, at the phonetic-phonological level. To this end, we carried out field and bibliographical research based on the contributions of authors such as Bechara (2009), Bagno (1999; 2007; 2008), Calvet (2002), Labov (2000), Mollica (2003), among others. As a data collection technique, we applied a phonetic-phonological questionnaire - QSL according to (ALIB, 2001) to twelve (12) informants from the city of Manaus/AM, six (06) male and six (06) female, divided into groups aged between 18 and 30 and 45 and 80 years. In terms of schooling, six (06) were literate up to the 9th grade and six (06) were not literate. The data was analyzed and interpreted in the light of Variationist Sociolinguistics. The results point to occurrences of linguistic phenomena, i.e. one phoneme in place of another, change of phoneme position, elimination of phonemes and extra phonemes; assimilation; rhotacism; reduction of e, o, unstressed pretonic vowels, among others.

KEYWORDS: Brazilian Portuguese. Variation. Phonetic-phonological. Manauara speech.

INTRODUÇÃO

“Uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes [...]” (Gnerre, 1991, p. 6).

Este artigo visa apresentar ocorrências de variações lingüísticas na fala manauara, especificamente em nível fonético-fonológico. Trata-se de uma pesquisa de campo na qual foram entrevistados doze informantes da cidade de Manaus/AM, divididos equitativamente entre os gêneros masculino e feminino e entre duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 45 a 80 anos. Os dados foram coletados a partir da aplicação de Questionário Fonético-Fonológico (QSL) conforme proposto por Alib (2001).

A motivação para a investigação dos fenômenos lingüísticos na fala manauara surge do crescente interesse acadêmico no estudo da língua em uso, especialmente nos diversos estratos sociais. Sob a perspectiva teórica da sociolingüística variacionista, o objetivo é delinear o fenômeno lingüístico em sua extensão dialetal e variacional, observando os padrões de uso da língua na modalidade falada. O estudo das variações lingüísticas regionais é extremamente relevante para a compreensão da diversidade do português brasileiro (PB) e dos processos sociais, culturais e lingüísticos envolvidos nessas variações. Nesse sentido, a análise da fala manauara pode trazer contribuições interessantes sobre particularidades fonéticas e fonológicas dessa variante regional.

Nesse intento, é essencial examinar não apenas os fatores extralingüísticos de ordem social, cultural e socioeconômica, mas também os elementos lingüísticos propriamente ditos que propiciam as mudanças na língua. Dessa forma, busca-se investigar, no falar manauara,

ocorrências como permuta, supressão ou acréscimo de fonemas; assimilação; rotacismo; redução vocálica em sílabas átonas; entre outros processos que configuram variação linguística. Conforme Labov (2000), a investigação da fala pouco pode ser dissociada do contexto social, uma vez que acontece nas multifacetadas interações humanas. Portanto, postula-se o caráter intrinsecamente social da linguagem, uma vez que seu desenvolvimento se dá por meio da convivência coletiva, pertencendo, pois, a todos os membros da comunidade.

Este artigo está estruturado nas seguintes sessões: introdução, onde são apresentados os objetivos deste estudo; referencial teórico, que subsidia a pesquisa no campo da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Histórica; metodologia utilizada; resultados e discussões, onde se destacam os resultados alcançados; e, por fim, as considerações finais, que apresentam as principais conclusões do estudo e apontamentos para pesquisas futuras.

LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O sistema de signos verbais que constitui a língua não é um sistema unitário, mas sim um conjunto de subsistemas inter-relacionados que se organizam em eixos de variação. No eixo geográfico, cada variedade linguística própria de uma região é considerada um dialeto. Quando os fenômenos da variação dependem do contexto ou estrato social, a variedade em questão é denominada um socioleto. Por sua vez, o cronoletto é uma variedade característica de um grupo etário. Além disso, podemos falar de idioleto quando observamos, nos hábitos discursivos de um indivíduo, uma variação do sistema linguístico. Nesse sentido, a língua é o conjunto de todos os seus dialetos, socioletos, cronoletos e idioletos, ou mais especificamente, o conjunto de todas as combinações possíveis entre cada um de todos os eixos de variação. Em Bagno (2007, p. 48-49) “[...] pode-se observar a palavra – Leto (*Lecto*) que é derivada do grego *Léksis*, ‘palavra, ação de falar’, de onde também provém a palavra léxico”. Esses conceitos alinham-se com Paulista (2016):

Dialeto ou variedade é um termo empregado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua de um determinado lugar, região ou província. Socioleto designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe econômica, nível cultural, profissão etc.). Cronoleto designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes. Idioleto designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc (Paulista, 2016, p. 165).

Conforme Mollica (2004), uma das propriedades inerentes às línguas naturais é a variação linguística, que coexiste com forças estabilizadoras, plasmando um sistema vivo e

multifacetado. Sob essa perspectiva, é premente reconhecer que o PB, falado por milhões de brasileiros de diferentes regiões, tradições, gêneros, faixas etárias e estratos sociais, origina incontáveis variedades que configuram o diverso panorama linguístico contemporâneo. Essa pluralidade sinaliza a existência de um profícuo repertório, repleto de infinitas possibilidades expressivas na comunicação oral. A sociolinguística é a ciência que estuda essa pluralidade linguística, bem como as relações entre língua, estrutura e funcionamento da sociedade. Trata-se de um ramo da linguística que se ocupa dos usos da língua, tomando em consideração os fatores sociais e culturais que caracterizam uma dada comunidade de falantes (Labov, 2000). William Labov é considerado o principal expoente da sociolinguística e, em seus estudos sobre a língua, encontramos os elementos que permitem essa reflexão ao estudarmos a evolução da linguagem e a estrutura em um contexto social. A partir de então, consolida a sociolinguística variacionista como uma teoria que investiga o funcionamento da língua na sociedade.

Diante da definição apresentada, a língua, enquanto construto histórico-social, subjaz variações de caráter temporal e espacial. Como brasileiros expostos a distintas culturas regionais, observamos diferenças evidentes entre, por exemplo, os falares amazonense e gaúcho, ou entre as variedades linguísticas do interior paulista e mineiro. Inserimo-nos, portanto, em determinado contexto geográfico (Amazonas, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia etc.), o qual circunscreve o português padrão (PP) e português não padrão (PNP)¹. O primeiro, de caráter mais superficial, é ensinado na escola e utilizado principalmente pela elite. O segundo, sistematizado como gramática internalizada, é a variedade corrente entre a maior parcela da população, o mesmo assevera Bagno (1999):

Ora, do ponto de vista exclusivamente linguístico, o fenômeno que existe no português não padrão é o mesmo que aconteceu na história do português-padrão, e tem até um nome técnico: rotacismo. O rotacismo participou da formação da língua portuguesa padrão, como já vimos em branco, escravo, praga, fraco etc., mas ele continua vivo e atuante no português não padrão, como em broco, chicrete, pranta, Cráudia, porque essa variedade não-padrão deixa que as tendências normais e inerentes à língua se manifestem livremente (Bagno, 1999, p. 40-42).

Em Bagno (*op.cit.*), do ponto de vista estritamente linguístico, o fenômeno existente no PNP equivale ao processo histórico ocorrido na constituição do PP. Trata-se do rotacismo, que consiste na troca do fonema L pelo R. Tal fenômeno esteve presente na formação de palavras como “branco”, “escravo”, “praga” e “fraco” em sua variante culta, mas permanece produtivo no português não padrão, gerando vocabulário como “broco”, “chicrete”, “pranta” e “Cráudia”. Essa variedade linguística incorpora as tendências espontâneas de evolução da língua, o que,

¹ Optamos ao longo do trabalho por utilizar os termos Português Padrão e Português Não Padrão, respectivamente PP e PNP, de acordo com Bagno (1999).

em princípio, assegura a espontaneidade linguística. No entanto, a sociolinguística em Bagno (*op. cit.*) postula que onde há variação linguística ocorre também uma avaliação social.

LINGUÍSTICA DESCRITIVA E HISTÓRICA

Coutinho (2005) apresenta estudos elucidativos sobre a formação das línguas românicas e sobre o PB, nos quais podemos verificar uma análise do processo evolutivo da Língua Portuguesa. Essas transformações não ocorreram por acaso, por modismo ou capricho, mas obedeceram tendências naturais, hábitos fonéticos espontâneos relacionados ao instinto de sociabilidade, imperioso na espécie humana. Isso explicaria a modificação regional de uma língua caracterizada como dialeto. Historicamente, o latim deixou de apresentar duas línguas diferentes para apresentar dois aspectos da mesma língua: o clássico (escrito) e o vulgar (falado pelas classes inferiores). A língua portuguesa provém do latim vulgar introduzido pelos romanos na Lusitânia.

O autor citado (*id.*) afirma ainda que, de forma dinâmica e diacrônica, a fonética histórica nos mostra a evolução dos fonemas no tempo e no espaço. Por outro lado, a fonética descritiva, estática e sincrônica, trata da formação e descrição dos fonemas. Portanto, é um fato de verificação que os fonemas sofrem modificações e quedas quando os órgãos do aparelho fonador se dispõem de modos diferentes para emití-los, na passagem do latim para o português. As palavras que sofrem modificações fonéticas na evolução, a linguística histórica as chama de metaplasmos; estes se denominam fenômenos linguísticos. Sobre essa questão, Coutinho (2005) explica:

É que cada geração altera inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfeitamente sensíveis, só depois de decorrido muito tempo. [...] Com efeito, verificamos que elas são motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de fonema e ainda pela transposição de fonema ou de acento tônico (Coutinho, 2005. p. 143).

Tais modificações, citadas pelo autor, apresentam-se em quatro espécies e se dividem: (i) metaplasmos por permuta; (ii) metaplasmos por aumento; (iii) metaplasmos por subtração e (iv) metaplasmos por transposição.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, seguida por um etapa de trabalho em campo. A metodologia utilizada para a coleta dos dados foi a técnica de amostras aleatória

por área. A seleção dos informantes exigiu que eles fossem naturais de Manaus. Para isso, conduzimos entrevistas dialogadas através da aplicação do (QSL), com base em (ALiB², 2001). Posteriormente, os dados foram analisados e interpretados sob a perspectiva teórica da linguística histórica e da sociolinguística variacionista.

Os questionários foram aplicados a doze (12) informantes falantes da cidade de Manaus, sendo seis (06) do gênero masculino e seis (06) do gênero feminino, dividido em grupos com faixa etária entre 18 a 30, e de 45 a 80 anos. Quanto ao nível de escolaridade são seis (06) alfabetizados até o 9º ano e seis (06) não alfabetizados, conforme tabela a seguir:

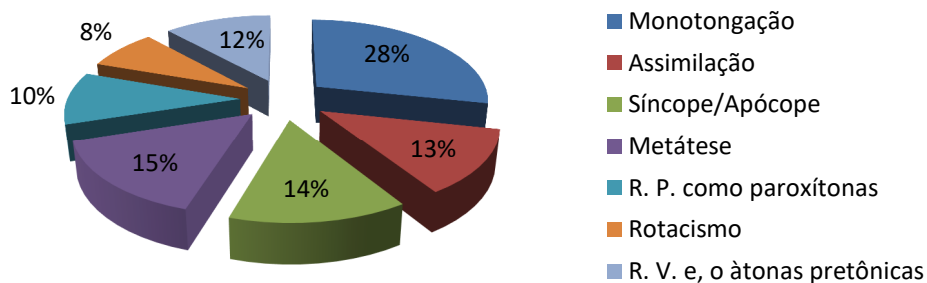
Tabela 01- perfil dos informantes por gênero, faixa etária e nível de escolaridade.

FAIXA ETÁRIA 18 A 35 ANOS		FAIXA ETÁRIA DE 45 A 80 ANOS	
Masculino	02 escolarizados 01 não escolarizado	Masculino	02 escolarizados 01 não escolarizado
Feminino	02 escolarizados 01 não escolarizado	Feminino	02 escolarizado 01 não escolarizado
Total	06	06	12

Fonte: Elaboração própria.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Gráfico 01: Frequência percentual dos aspectos fonético-fonológicos no falar manauara.



Fonte: Elaboração própria

Tomados conjuntamente os resultados das ocorrências de fenômenos linguísticos na fala manauara, as percentagens apontam para os seguintes resultados: 28% dos entrevistados eliminaram o fonema do meio da palavra. Por exemplo, forma padrão: caixa. Forma não padrão: caxa. Ocorrendo assim, a monotongaço. Segundo (Bagno, 2008, p. 88) é um metaplasmo por

² Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

supressão, onde ocorre o processo de redução do ditongo que perde sua semivogal e passa a uma vogal simples.

Dos entrevistados 13% fizeram uso da assimilação. Em Coutinho (2005), a assimilação é um metaplasmo que consiste na aproximação entre dois fonemas com sons diferentes, porém com algum parentesco se tornam iguais ou semelhantes. Ex: forma padrão: mesma. Forma não padrão: merma.

Posteriormente, 14% fizeram uso da síncope e da apócope, também chamado de metaplasmos por supressão. Ainda segundo Coutinho (2005), a síncope é a perda de fonema no meio da palavra. Já apócope é a supressão de fonema no fim da palavra, perceptível no português oral contemporâneo na supressão que habitualmente se faz do /e/ átono em sílaba final. Ex: forma padrão: pólvora; Homem. Forma não padrão: polvra; homi.

Registrou-se também que 15% dos entrevistados utilizaram a metátese. De acordo com Coutinho (*op.cit.*), a metátese é uma mudança em que os sons trocam de posições com outro na mesma sílaba ou entre sílabas de uma palavra. Como, por exemplo: Forma padrão: braguilha. Forma não padrão: barguilha; berguilha.

Já a realização de palavras proparoxítonas como paroxítonas que, segundo Bagno (2008) aponta, são aquelas palavras cuja sílaba tônica é a antepenúltima, obtiveram 10 % de frequência. Podemos observar nos seguintes exemplos. Forma padrão: árvore. Forma não padrão: ávre. Em relação ao rotacismo, que é a troca do L pelo R, a ocorrência foi de 8 %. Forma padrão: planta. Forma não padrão: pranta.

E, por último, a redução das vogais: “e” e “o”, átonas pretônicas com 12% de ocorrências. De acordo com Bagno (*op.cit.*), este fenômeno acontece quando existe presença de “i” e “u” na sílaba tônica, fazendo com que as vogais átonas pretônicas “e” e “o” se reduzam e sejam pronunciadas “i” e “u”. Forma padrão: passagem; travesseiro. Forma não padrão: passagi; travisseru.

Os fenômenos linguísticos, objeto de análise deste artigo, e presentes nas realizações fonético-fonológicas dos falantes da cidade de Manaus³, revelam certa repetição diante de alguns casos encontrados, o que nos leva a reunir as palavras em grupos, para um melhor entendimento das suas análises. Dessa forma, as semelhanças e discrepâncias consubstanciaram a base para os resultados expostos na tabela a seguir.

³ Capital do estado do Amazonas.

Tabela 2: frequência percentual de variações por grupo de palavras.

RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS		PERCENTUAL				OUTRAS RESPOSTAS	
Grupo 01	tio	100%					Não houve
	dia	100%					Não houve
Grupo 02	tisora	41 %	tesora	17%	tisura	17%	25 %
	caxa	100%					Não houve
	travisseru	100%					Não houve
	mantega	100%					Não houve
Grupo 03	peneu	17%	pineu	75%			8%
	adevogadu	33%	advogadu	42%			25%
Grupo 04	homem	33%	Homi	67%			Não houve
	passagi	92%	passagem	08%			Não houve
Grupo 05	familia	0%	familha	92%			8%
	barguilia	0%	Barguilha	92%			8%
Grupo 06	merma	25%	mesma	42%			33%
	ruim	93%	Rúin	7%			Não houve
	Imbigu	67%	umbigo	33%			Não houve
Grupo 07	pranta	25%	planta	75%			Não houve
Grupo 08	pórvora	25%	póvra.	25%	Póvora	50%	Não houve
	armoçu	25%	aumoçu	75%			Não houve
	árvuri	17%	árvri	33%	ávuri	50%	Não houve

Fonte: Elaboração própria

Conforme a tabela 2, o primeiro grupo é composto pelas palavras *tio* e *dia*, respectivamente representados na tabela de variações como: /'tʃiu/ e /'dʒia/, situação em que aparecem os fonemas africados /tʃ/ e /dʒ/. Neste grupo 100% dos entrevistados seguiram a mesma realização. Embora saibamos que existem outras variações tais como: *tio* e *dia*, realizados, com o par fricativo/labiodental [t] e [d], estas não foram constatadas durante as entrevistas. Tais realizações são mais comuns em outros lugares do país, porém na Região Norte a preferência é pelo uso dos fones africados. Estes fones são denominados assim devido à estreita combinação de oclusão com fricção audível. O modo de articulação africado não se constitui em traços fonêmicos, ou seja, não geram mudança de significado. Suas permutas – [t] em /tʃ/ e [d] em /dʒ/ estarão apenas no campo das variantes regionais.

No segundo grupo observamos variações nas seguintes palavras *tesoura* (41% realizaram *tisora*, 17% realizaram *tesora* e 17% realizaram *tisura*), outras variantes somaram 25%. caixa

(100% realizaram caxa); travesseiro (100% realizaram travisseru); manteiga (100% realizaram mantega).

De acordo com as realizações acima, percebemos alguns fenômenos na produção da fala, tais como: (i) redução dos ditongos /ou/, /ai/ e /ou/ nas sílabas tônicas, fenômeno conhecido linguisticamente como monotongação. A intensidade na pronúncia das vogais antecedentes das sílabas tônicas “a”, “e” e “o”, onde ocorre uma abertura maior da boca, pode provocar a supressão das semivogais I e U, que ocorrem com uma abertura menor da boca. Assim, seja por dificuldades de prolação, seja pela chamada lei do menor esforço essas reduções tornam-se comuns na fala da maioria da população do Brasil; (ii) redução do fone /e/ para /i/ na sílaba pretônica da palavra travesseiro, essas reduções são aceitas na pronúncia, porém a Gramática Normativa, doravante (GN), conforme Bechara (2009, p. 37) enumera “os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social”. Essas noções acerca da língua e da linguagem prescrevem sua grafia com /e/; (iii) redução nas sílabas pós tônicas de /o/ para /u/ na palavra travisseru, também, neste caso, a GN prescreve a grafia com /o/. Apesar de sua pronúncia na língua oral ser reduzida.

Estudos históricos demonstram que tais fenômenos já ocorreram na passagem de algumas palavras do latim para o português. Palavras que possuíam ditongos decrescentes, tais como: lauro agora escrito louro, raupa equivalente a roupa e paucio, atualmente grafado como pouco, tiveram sua pronúncia alterada devido às dificuldades de pronúncias (Bagno, 2008). A transformação do ditongo “au” da forma latina para “ou” em português se deu em virtude de serem fonemas mais próximos: /a/ é uma vogal baixa e aberta, enquanto /o/ é uma vogal média-alta e fechada, bem mais próxima de /u/ vogal alta e fechada. Devido ao incessante processo de evolução da língua, bem como a necessidade da rapidez e eficiência na comunicação contemporânea, esses fenômenos podem, eventualmente, tornar-se irreversíveis. Tais fenômenos são conhecidos como assimilação.

No terceiro grupo, analisamos os casos das palavras: pneu e advogado. A GN prescreve a grafia do vocábulo pneu como monossílabo. Porém, na pronúncia do português do Brasil, a variação dialetal é feita como um dissílabo. Encontramos duas realizações: pneu com 17% e pineu com 75% e outras respostas somaram 8%. Esse acréscimo de vogal fora da escrita se dá pelo fenômeno chamado epêntese, que acontece quando a língua não aceita um grupo de consoantes juntas. No português brasileiro veremos certas consoantes juntas, como os grupos (PL), (PR), (Gr), entre outras. Em Portugal, no entanto, esse fenômeno é indivisível, sendo pronunciado em um único impulso. Por outro lado, nossa língua tem uma restrição intensa à união de consoantes que fujam à característica citada anteriormente. Apesar dos portugueses não admitirem a quebra da epêntese, ou seja, o grupo (PN), não obstante, a norma brasileira aceita a pronúncia com /i/, como sendo correta.

A palavra advogado recebeu as seguintes variações: 42% realizaram “adivogadu”; 33% “adevogadu” e outras variantes somaram 25%. Essa palavra de origem latina é formada do prefixo *ad* + o radical *vocatus* que, no contexto do direito romano, significava a terceira pessoa que era chamada pelo litigante para falar em juízo ao seu favor, isto é, o advogado era aquele que vinha falar junto. Entretanto, em nenhuma das realizações conseguimos observar essa construção, ou seja, há uma divisão do prefixo (*ad*) que no tocante a morfologia é indivisível. No entanto, quando pronunciada a palavra sofre uma ruptura do prefixo. Nos dois casos temos a separação do prefixo (*ad*) formando palavras com cinco sílabas (polissílabas). Na primeira variação temos a utilização do fone africado, alveopalatal e sonoro /dʒ/ quando precede o fone vocálico /i/, mas quando precede o fone /e/ temos o oclusivo, linguodental e sonoro /d/. A permuta de /dʒ/ por /d/ é uma variável, plenamente, e a sua troca não altera o significado. Para finalizar, notamos também a redução da vogal final /o/ para /u/ nas duas ocorrências.

No quarto grupo analisamos os vocábulos “homem” e “passagem”. Estes apresentam uma peculiaridade interessante no que diz respeito a sua realização fonética, pois suas sílabas postônicas, de acordo com a norma padrão, são marcadas pela presença do ditongo nasal decrescente /ɲ/. Porém, como constatamos, houve outras duas variações para estas palavras. 67% das pessoas pronunciaram “homi” e as outras 33% “homem”. Em relação a “passagem”, 8% pronunciaram desta forma, enquanto 92% pronunciaram “passagi”. Segundo Bagno (2008), existe uma tendência natural nos brasileiros para a desnasalização das vogais pós-tônicas, o que poderia explicar a redução do ditongo nasal /ɲ/, para o fone oral /i/.

No quinto grupo temos as palavras “família” e “braguilha”. Nestes casos, encontramos a transformação da lateral /l/ na palatal /λ/ em “família”, bem como o seu inverso, a transformação da palatal final /λ/ na lateral /l/ em “braguilha”. Outro fenômeno encontrado foi o deslocamento do tepe /r/ da posição pré-vocálica para a posição pós-vocálica em “braguilha”. Para este caso, a linguística o nomeia como metaplasmo, que são as transformações diacrônicas e sincrônicas que a língua sofre ao longo do tempo, podendo ser de caráter fônico ou gráfico e que ocorrem no interior das palavras. Os metaplasmos podem ser de supressão retirada de fonemas: no início - aférese; no meio - síncope; ou no final - apócope; ou de adjunção (adição de fonemas): no início - prótese; no meio - epêntese; e no fim - paragoge. Contudo, o fenômeno ocorrido em “braguilha” é o deslocamento da consoante [R] dentro da sílaba da posição pré-vocálica para a posição pós-vocálica. Este processo pode acontecer de forma consciente, semiconsciente ou inconsciente, e é o que chamamos de metátese. Nas realizações encontradas, “braguilha” e “barguilia”, a metátese é inconsciente, ou seja, acontece quando o falante não tem ciência desse deslocamento.

Analisando os percentuais apurados, para a palavra “família”, tivemos 0% das realizações em “família”, enquanto outros 92% optaram por “familha”; outras respostas somaram-se a 8%. Também em “braguilha”, tivemos 92% realizando “braguilha”, com outras respostas totalizando 8%. Como podemos verificar, todas as ocorrências desejadas foram encontradas.

Por conseguinte, a palavra, ou a variação padrão da palavra “braguilha”, não foi encontrada. Talvez, a razão deste fato esteja na própria falta de conhecimento ou reconhecimento do vocábulo pela maioria dos falantes, sendo, em última análise, um vocábulo pouco usado e, por isso, suscetível a equívocos.

No sexto grupo, analisamos as palavras “mesma”, “ruim” e “umbigo”. Para elas tivemos as seguintes variações: 42% realizaram “mesma” e 25% “merma”, enquanto outras respostas somaram-se 33%. Aqui, observamos a troca da fricativa alveolar vozeada para a fricativa velar vozeada, caracterizando a variação não padrão. Em “ruim”, a palavra, que tem como sílaba tônica a penúltima (paroxítona), teve 93% das realizações. Não obstante a Norma Gramatical Brasileira, doravante (NGB), a classifica como paroxítona. A maioria das realizações foi como oxítonas, recaindo a tonicidade para a última sílaba. Assim, tivemos 7% realizando a variante não padrão “ruin”. Apesar do ritmo da tonicidade da penúltima para a última. Vale lembrar que a GN brasileira prescreve esse processo como silabada ou erro de prosódia. Essa característica não tem pertinência para distinção de significado. Por última análise, temos “umbigo” que recebeu 33% das realizações, e 67% preferiram a variante “imbigo”. Como no caso da palavra já citada “braguilha”, aqui ocorre fato semelhante. Pois, é comum o equívoco, onde algumas pessoas acreditam que a forma “imbigo” é a correta.

Para o sétimo grupo, examinamos solitariamente a palavra “planta” que obteve duas variações: 75% realizaram “planta” e 25% fizeram “pranta”. A grande maioria realizou a variação padrão, enquanto a menor parcela fez o rotacismo, fenômeno que consiste em trocar o /L/ pelo /R/ ou vice-versa. A explicação fonética para esse fenômeno talvez se dê pelo fato de ambos os fones terem características semelhantes como ponto de articulação alveolar, ressonância oral e vibração laríngea sonora, restringindo suas diferenças apenas ao modo de articulação, lateral para /l/ e vibrante para /r/ nos encontros consonantais absolutos. Outro fato importante é que historicamente muitas palavras do português sofreram mudanças na passagem da forma latina. A palavra “igreja”, por exemplo, passou do latim *ecclesia* para a forma igreja do português atual. Já no francês e no espanhol, suas respectivas grafias são: *église* e *iglesia*, onde o fone lateral /l/ permaneceu. Também, como cita Bagno (2008), no português arcaico, as duas formas eram corretas e o falante podia escolher, por exemplo, entre “inglês” ou “ingrês”. A norma culta, por outro lado, prescreve a forma “inglês” como a correta. Então, fica claro que as pessoas que fazem o chamado rotacismo, historicamente, não estão ocorrendo em erros, mas usando a forma clássica. Apesar disso, é necessário afirmar que a NGB coloca a forma “ingrês” como erro de grafia na escrita e fonético-fonológico na oralidade.

O oitavo grupo apresenta as palavras “pólvora”, “almoço” e “árvore”. Nessas palavras encontramos as seguintes variações, conforme representadas na tabela; 17% realizaram “árvuri”, 33% “árvri”, e 50% “ávuri”. Em “armoçu”, tivemos 25% e aumoçu 75%. “Pórvora” ficou com 25%, “póvra” 25% e “póvora” 50%. Destas palavras, podemos observar a redução de [o] para [u] nas palavras “árvuri” e “ávuri” (sílabas médias pós-tônicas) e “armoçu”, “aumoçu” (sílabas finais)

pós-tônica). Também, em relação às palavras “aumoçu” e “póuvra”, vemos as transformações das consoantes laterais /l/ em vogal /u/, passando a configurar como ditongo, transformando a lateral /l/ em glide ou semivogal /w/ nos dois casos.

Ainda nas palavras “ávuri”, “árvri” houve redução de /e/ para /i/ na sílaba átona final. Nas palavras “ávuri” e “póvora”, encontramos também um caso de metaplasmo, que são as transformações diacrônicas e sincrônicas que modificam a língua ao decorrer dos anos, podendo ser de caráter fônico ou gráfico e que ocorrem no interior das palavras. Neste caso, temos uma síncope. Na palavra “árvri”, realizou-se a contração da palavra proparoxítone em paroxítone. A contração é um tipo de encolhimento que a palavra sofre para caber no ritmo natural do português não padrão, sendo um ritmo paroxítono.

As tabelas abaixo, coletadas durante uma pesquisa sobre as variações do português falado no Brasil, têm o intuito de exemplificar de maneira ilustrativa como os fatores sociais: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade podem influenciar nos diferentes registros linguísticos encontrados. Nesse sentido, são amostras dos dados levantados na investigação que representam o português considerado “padrão”, mais formal e próximo da norma culta, e o “não padrão”, englobando registros informais. A transcrição fonética foi realizada de acordo com Silva (2005) e serve para indicar as particularidades de pronúncia coletadas. Assim, as tabelas visam servir de subsídio para exemplificar algumas dessas variações de modo didático, sem juízo de valor. Tão logo, demonstra-se como o social impacta a forma que o português é falado no Brasil segundo o levantamento realizado.

Tabela 1 – Descrição dos fenômenos fonético-fonológicos e suas respectivas transcrições fonéticas (faixa etária de 18 – a 35 anos)

HOMENS E MULHERES ESCOLARIZADOS		
Português Padrão	Português Não Padrão	Transcrição fonética
Caixa	Caxa	[ˈkaʃa]
Tesoura	Tisora	[tʃiːzora]
Travesseiro	Travisseru	[traviˈserU]
Pólvora	Póvora	[ˈpɔvora]
Ruim	Rúin	[ˈxũin]
Manteiga	Mantêga	[mãnˈtega]
Dia	dia	[ˈdʒia]
Passagem	Passai	[paˈsagI]
Advogado	adivogadu	[aˈdʒivɔgadU]
Umbigo	Imbigu	[ĩmːbigU]
Homem	Homi	[ˈõmI]

continua

conclusão

HOMENS E MULHERES ESCOLARIZADOS		
Português Padrão	Português Não Padrão	Transcrição fonética
Família	Família	[fãmiɫa]
Tio	tiu	[tʃiU]
Braguilha	Barguilha	[bar'giɫa]
Pneu	Não variou	
Planta	Não variou	
Árvore	Arvuri	['arvurɪ]
Mesma	Não variou	

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 – Descrição dos fenômenos fonético-fonológicos e suas respectivas transcrições fonéticas (faixa etária de 18 – a 35 anos)

HOMENS E MULHERES NÃO ESCOLARIZADOS		
Português Padrão	Português Não Padrão	Transcrição fonética
Caixa	Caxa	['kaʃa]
Tesoura	Tisora / tesora	[tʃi>zora] [te'zora]
Travesseiro	Travisseru	[travi'serU]
Pólvora	Póvora / pólvã	['pɔvora] ['pɔuva]
Manteiga	Mantêga	[mã'n'tega]
Dia	dia	['dʒia]
Passagem	Passagi	[pa'saɟɪ]
Advogado	Adevogadu	[adevɔ>ɟadU]
Umbigo	Imbigu	[ĩm>bigU]
Homem	Homi	['ɔmɪ]
Família	Fãmilha	[fãmiɫa]
Tio	Tiú	[tʃiU]
Braguilha	Barguilha	[bar'giɫa] [
Planta	Pranta	['prãnta]
Árvore	Árvuri / ávori	['arvurɪ] ['avorɪ]
Mesma	Merma	['merma]
Almoço	Aumoço	[au'mosU]
Pneu	Não variou	

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3 – Descrição dos fenômenos fonético-fonológicos e suas respectivas transcrições fonéticas (faixa etária de 45 – a 80 anos)

HOMENS E MULHERES ESCOLARIZADOS		
Português Padrão	Português Não Padrão	Transcrição fonética
Caixa	Caxa	[ˈkaʃa]
Tesoura	Tisura / tesora	[tʃiˈzura][tesora]
Travesseiro	Travisseru	[traviˈserU]
Pólvora	Póvora / pórvora / Póuvra	[ˈpɔvora] [ˈpɔrvora] [ˈpouvra]
Não variou		
Manteiga	Mantêga	[mãˈtɛga]
Dia	dia	[ˈdʒia]
Passagem	Passagi	[paˈsagI]
Advogado	Adevogadu	[adevɔˈgadU]
Umbigo	Imbigu	[ĩmˈbigU]
Homem	Homi	[ˈõmI]
Família	Famíilha	[fãˈmiɫa]
Tio	tiu	[ˈtʃiU]
Braguilha	Barguilha	[barˈgiɫa]
Pneu	Peneu / pinéu	[ˈpɛneU] [ˈpinɛU]
Planta	Pranta	[ˈprãnta]
Árvore	Ávori / árvri	[ˈavorI] [ˈarvorI]
Mesma	Merma	[ˈmerma]

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4 – Descrição dos fenômenos fonético-fonológicos e suas respectivas transcrições fonéticas (faixa etária de 45 – a 80 anos)

HOMENS E MULHERES NÃO ESCOLARIZADOS		
Português Padrão	Português Não Padrão	Transcrição fonética
Caixa	Caxa	[ˈkaʃa]
Tesoura	Tisura / tisora	[tʃisura]
Travesseiro	Travisseru	[traviˈserU]
Pólvora	Póvra / póvora	[ˈpɔvra] [ˈpɔvora]
Manteiga	Mantêga	[mãˈtɛga]
Dia	dia	[ˈdʒia]
Passagem	Passagi	[paˈsagI]

continua

conclusão

HOMENS E MULHERES NÃO ESCOLARIZADOS		
Português Padrão	Português Não Padrão	Transcrição fonética
Advogado	Adevogadu	[adevɔːgadU]
Umbigo	Imbigu	[ĩmːbigU]
Homem	Homi	[ˈõmi]
Família	Famílha / famía	[fã'miɫa] [fã'mia}
Tio	tiu	[ˈtʃiU]
Braguilha	Barguinha / barbinha	[bar'giɫa]
Planta	Pranta	[ˈprãnta]
Árvore	Ávri / árvri	[ˈavrɪ] [ˈarvrɪ]
Não variou		
Almoço	Armoçu	[ar'mosU]
Pneu	Pineu	[pi'neU]

Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este estudo investigou a ocorrência de variações linguísticas de natureza fonético-fonológica na fala da população de Manaus, sob a perspectiva teórica da sociolinguística variacionista. Os resultados revelaram diversos processos típicos da evolução natural das línguas, tais como monotongação, redução vocálica, assimilação, metátese, rotacismo, entre outros.

Verificou-se também a influência de fatores sociais nas variantes não padrão, com destaque para escolaridade e faixa etária. Os menos escolarizados e os mais idosos tenderam a realizar formas como “pranta”, “homi”, “travisseru”, evidenciando o impacto do contexto na variação linguística.

As análises permitiram concluir que o português falado em Manaus apresenta particularidades regionais, com traços fonéticos e processos fonológicos característicos. Contudo, tais variantes não impedem a comunicação e o entendimento entre os falantes, revelando a natureza sistemática da variação.

Sugere-se, para estudos futuros, ampliar o número de informantes e localidades amostradas, a fim de traçar um panorama mais completo do dialeto amazonense. Recomenda-se também abordar outros níveis linguísticos, como variações morfossintáticas e semântico-lexicais,

para aprofundar a descrição e documentação científica da realidade sociolinguística de Manaus e do Amazonas.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo, Brasil, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2002.
- COMITÊ Nacional de projeto ALIB – Atlas Linguístico do Brasil. **Questionários 2001**. Londrina: UEL. 2001
- COUTINHO, Ismael Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1976.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2000.
- MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.
- PAULISTA, Maria Lucia Loureiro. Variação Linguística: Primórdios, Conceitos E Metodologia. **Revista Ecos**, v. 21, Ano 13, n. 02, 2016.
- SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Recebido para publicação em: 28 jun. 2023.

Aceito para publicação em: 4 jan. 2024.